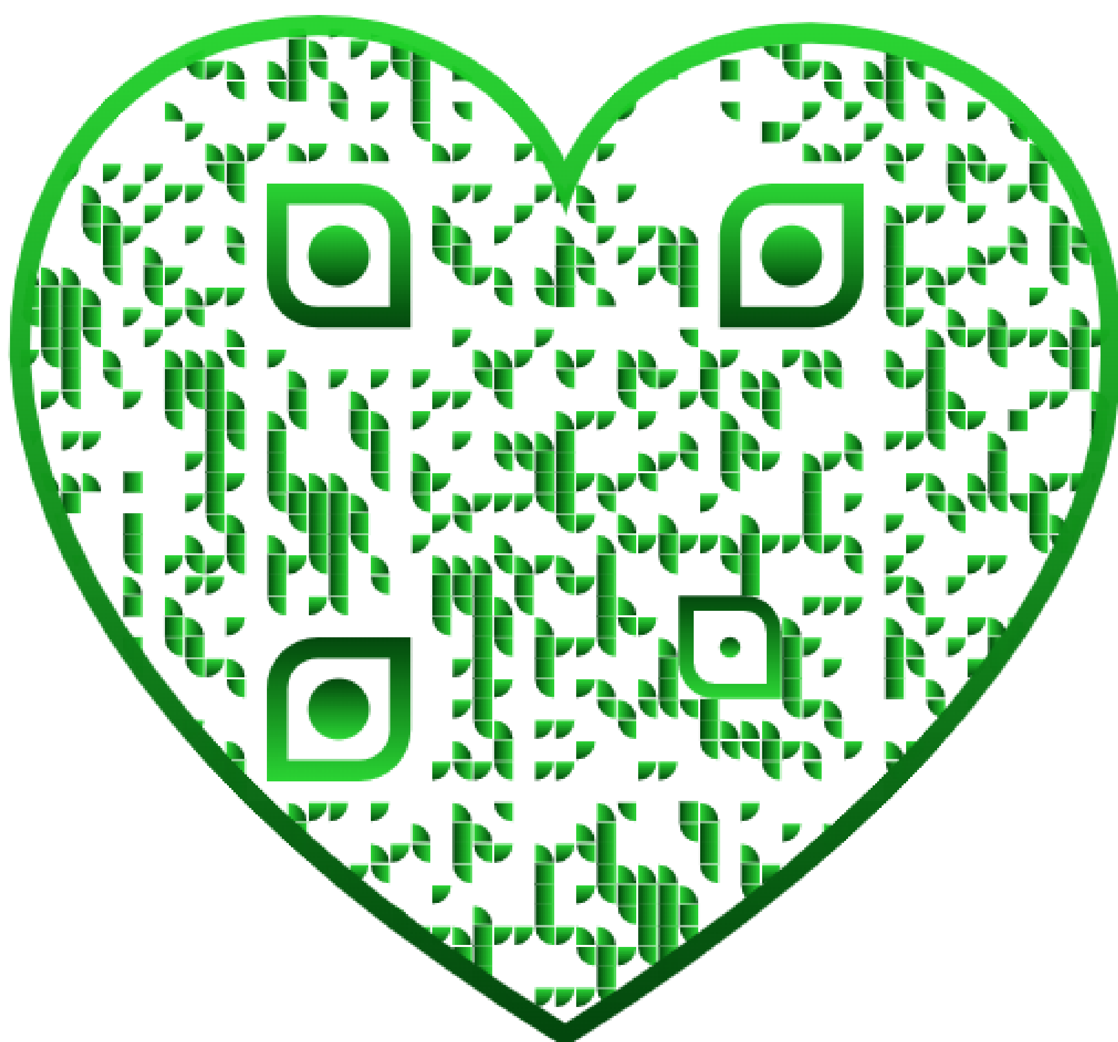
QUANDO O SONO CHEGAR

UM CONTO DA ANTOLOGIA:
PESADELOS MORBIDOS

MÁRCIO PACHECO



QUANDO O SONO CHEGAR



MÁRCIO PACHECO

Copyright ©2019 by Márcio Cardoso Pacheco

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Capa: **MÁRCIO CARDOSO PACHECO**
Diagramação: **MÁRCIO CARDOSO PACHECO**
Revisão: **MÁRCIO CARDOSO PACHECO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

PACHECO/Márcio Cardoso

Quando o Sono Chegar/ Márcio Cardoso Pacheco — Gravataí, RS: 2019.

1.Literatura Brasileira. 2. Conto I. Título

CDD:869.93.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Márcio Cardoso Pacheco

Quando o Sono Chegar

Os olhos se abriram de repente, encontrando a escuridão do quarto. A janela estava aberta e Ellen conseguia ver a silhueta da sua escrivaninha e

também a do roupeiro. Estava sentada na cama, escorando suas costas no travesseiro que cumpria a função de tornar a cabeceira macia às costas.

Como eu vim parar aqui?, pensou ela com certo nervosismo.

Lembrava-se de estar na sala, caminhando de um lado para o outro, tentando fazer o sangue circular pelo seu corpo. Não ousava se sentar no sofá, muito menos assistir televisão. Nada que relaxasse o corpo ou cansasse os olhos, já pesados e ardidos. Não queria dormir. Não poderia dormir. Estava sendo assim na última semana. Toda vez que adormecia, ele aparecia...

Ouviu um barulho que a buscou de sua recapitulação mental. Olhou aflita para a porta do quarto. Seu coração acelerou enquanto ela encarava o escuro, esperando que algo se projetasse para dentro do quarto, mesmo que ela rezasse desesperadamente para que isso não acontecesse.

— O QUE QUER DE MIM! — bradou contra o escuro.

O silencio da noite logo se reestabeleceu, ela ouviu um carro passando na rua e nada mais. Levou as mãos ao rosto e começou a chorar.

O que está acontecendo comigo?

Decidiu que uma xícara de café poderia ajudar a despertá-la. Atirou as pernas para fora da cama e se levantou. Sentiu um frio na barriga quando foi ligar o interruptor, mas a luz veio sem revelar qualquer coisa anormal. Ellen foi até o banheiro para lavar o rosto. Ligou a torneira e encarou a visão da sua face no espelho. Grandes olheiras desciam das pálpebras até a maçã do rosto. Teria que trabalhar no dia seguinte e calculou a quantidade de maquiagem necessária para cobrir aquilo. Abaixou-se para levar os olhos até a lagoa de água que acumulara nas mãos unidas em formato de concha. Teve um pressentimento estranho. Sentiu que alguma coisa estava atrás dela, observando-a. Estava com receio de levantar sua cabeça e dar de cara com ele no espelho, mas não teria muita escolha. Ergueu o corpo e se deparou apenas com o seu rosto cansado. Fechou a torneira e se dirigiu para a cozinha.

Eu devo estar enlouquecendo...

Abriu a tampa da cafeteira e pegou o pote de café, que já estava quase acabando. Seu consumo havia aumentado consideravelmente na última semana. Enquanto colocava o pó de café no filtro da cafeteira, com uma colher de sopa, ela refletia. Como isso tinha acontecido? Não se lembrava de ter ofendido ninguém ligado à magia negra, a casa não era amaldiçoada e ninguém da sua família havia morrido. Porque então essa... Essa... Coisa demoníaca, voltava para os seus sonhos todos os dias? E o pior, tudo

começou com o vislumbre de uma silhueta distante, no meio de um campo. Com o passar dos dias a coisa foi chegando mais e mais perto como se tivesse um interesse pessoal nela. E na noite passada...

Olhou para o relógio. Era recém 01:37 da manhã. A noite seria longa. Se fosse perto das seis, poderia se arrumar e sair, mas era muito cedo e ela teria que esperar. Quando seus olhos viram a geladeira, ela estremeceu. Em uma das noites, sonhou que foi até a cozinha para pegar um copo de água e se deparou com algo escrito em sua geladeira. Com um vermelho escarlate intenso, usado pelo artista por nada mais que seus dedos, uma frase atravessava a tampa frontal: "*Quando o sono chegar...*". Obviamente ela acordou em sua cama, coberta de suor. Era um pesadelo, mais um maldito pesadelo!

O ronco da cafeteira, acompanhado do aroma saboroso do café, lhe tiraram da sua prisão agonizante de memórias. Pegou uma das xícaras no armário e serviu uma boa dose de sua bebida favorita. Sentou-se à mesa, solitária, fitando o vazio enquanto levava o café aos lábios. O primeiro gole desceu quente e suave pela garganta, deixando seu sabor na boca mesmo após a passagem. As narinas aspiravam o aroma, enquanto Ellen brigava com sua mente para esquecer o seu sonho e cada vez que tentava esquecer, ela se lembrava ainda mais. Aqueles olhos vermelhos... Era como se ele a observasse a todo o momento, esperando apenas que dormisse para que pudesse atormentá-la.

A xícara tocou os lábios e ela sorveu mais um gole. Diferente do primeiro, esse era mais viscoso e tinha um sabor amargo com gosto de ferro. Teve dificuldade para engolir e olhou instintivamente para a xícara. Era sangue. O vermelho espesso no lugar do preto. Ellen largou a xícara na mesa e tossiu vigorosamente com a cabeça abaixada.

Como é possível?

Ouviu uma risada próxima, uma risada em tom de deboche vindo do outro lado da pequena mesa. Ergueu a cabeça e ele estava lá. Como um espectro, uma sombra. Braços cruzados sobre o móvel, encarando-a com um sorriso de escárnio. Tudo o que contrastava com seu corpo negro eram os dentes brancos e pontiagudos e aqueles malditos e angulosos olhos vermelhos. Ellen arregalou os olhos e, antes que pudesse esboçar qualquer reação, levou as mãos até a garganta trancada em puro desespero. O ar lhe faltou e sua visão foi ficando turva, transformando aquela aberração na sua

frente em um simples borrão. O corpo foi tombando para o lado, inerte, até que atingiu o chão.

— NÃÃÃÃÃÃÃÃÃOOOOOOOOOOOO! — gritou Ellen com as mãos na garganta, sentada no sofá.

O ar entrava e saía de seus pulmões em uma velocidade impressionante causado pelo alívio de poder respirar. Ela olhou assustada para todos os lados da sala, mas ele não estava lá. Um silêncio incômodo pairava pelo ar e ela se sentiu angustiada. Verificou o relógio que enfeitava a estante. Eram 01:07. Incrédula, ela levou as duas mãos ao rosto e chorou. Abafou um grito na almofada. Pensou em gritar novamente exigindo saber o que aquela criatura medonha queria. Mas do que adiantaria?

Caminhou até a cozinha. Mesmo após o pesadelo, gostaria de uma xícara de café. Tateou a parede no escuro em busca do interruptor, e quando acendeu não encontrou nenhuma visita inesperada à mesa. Mas havia uma xícara lá, igual a que ela usara recentemente em seu pesadelo. Ellen conferiu, tinha café e ainda estava quente. Seu sentimento era uma mistura de confusão e pavor. Ainda estava tendo um pesadelo? Beliscou-se com força e sentiu o braço gritar que estava acordada. Pela janela da cozinha do seu apartamento ela observou a cidade mais abaixo. As luzes iluminavam as ruas vazias, indicando que todos os habitantes, ou sua maior parte, descansavam de seus dias exaustivos. Uma coisa simples, mas que vinha sendo um tormento para ela.

Seu corpo estava cansado e lhe pediu um banho. Sem perceber ela segurava a xícara de café. Estava quase levando aos lábios quando parou o movimento. O cheiro era de café, a cor era de café, mas mesmo assim ela não quis beber. Deixou a xícara sobre a mesa e caminhou até o banheiro. Cada passo era dado com extrema cautela e cada ambiente iluminado era precedido de um frio na barriga e um arrepio na espinha, mas tudo deu certo. Tirou a calça de pijama, a camiseta fina e a calcinha. Ligou o chuveiro e logo a água quente começou a emitir um vapor que passava por cima das lâminas de vidro do box. Ela entrou, deslizou a porta e deixou que a água caísse pelo seu corpo. A sensação foi boa. Com as duas mãos apoiadas na parede, e a cabeça baixa, ela sentiu seus músculos relaxando. Talvez conseguisse dormir depois disso.

Observou a água descendo pelo ralo, até que de repente ele não

conseguiu absorver mais. Uma lâmina de água se formou no piso do box enquanto mais vinha do chuveiro. Ela fechou o registro, mas a água não parou. Abaixou-se para verificar o ralo e não havia nada o entupindo. Levantou-se para abrir o box, mas a lâmina de vidro estava emperrada. Desesperada ela bateu com a mão no vidro, e foi olhando na direção da porta que seu coração gelou. Ele estava lá, sob o marco da porta, observando com o mesmo sorriso debochado. A água tomou outra tonalidade, de cor rubra e gosto ferroso, e o box começou a encher rapidamente. Por um momento sentiu-se dentro daquela xícara de sangue que quase a sufocara. Seu desespero aumentou quando percebeu que a parte de cima estava fechada também. Forçou seu corpo contra o vidro até ficou completamente submersa. Todo o sangue que não havia engolido com o café fora compensado agora. Não levou tempo para que afogasse com aquele líquido amargo e viscoso. Ellen não conseguia enxergar mais e trancou a respiração tentando achar as paredes de vidro para forçar uma saída. O pequeno box pareceu se tornar um tanque enorme e seu corpo, suspenso, tateava no vazio. Seus pulmões exigiram ar e ela puxou pela boca. Sangue percorreu pela boca e narinas, chegando aos pulmões. Desesperada ela tentou respirar no meio do líquido, mas nada veio além de sangue, sufocando-a.

Acordou em um pulo, sentada em sua cama. A tosse veio forte, sem pedir licença. Projetou o corpo para fora, esperando que pudesse vomitar algo, mas não aconteceu. Entendeu que seu corpo estava tendo apenas um reflexo do seu... Pesadelo? Ouviu um som de água caindo de forma contínua.

Chuva?

Foi até a janela do quarto e viu apenas um céu estrelado. Seu andar era o quinto e tinha uma vista privilegiada para a praça que ficava no centro do complexo de apartamentos. Mais abaixo as árvores balançavam com a brisa da noite, sem qualquer indício de chuva. Mesmo assim o som continuava. Ellen caminhou com passos desconfiados até o banheiro. Ao cruzar a porta se deparou com o chuveiro ligado. Se encolheu instintivamente, caminhou até o box e desligou o registro, receosa, enquanto olhava na direção da porta.

Vagou pela casa, temendo cada passo. Já não sabia mais o que pensar. O relógio da sala indicava 00:37. Olhou com certo desespero, sentindo-se impotente. Choraria, se adiantasse. Apoiou uma das mãos na parede, sentindo o toque frio na palma da mão. Acendeu a luz. A xícara de café ainda estava

em cima da mesa, exalando o vapor em direção ao teto.

Mas o que está acontecendo?

Ellen estava tão frustrada, e confusa, quanto apavorada. Aquela aberração era apenas uma aparição em seus sonhos, cada vez mais presente, cada vez mais próxima, mas apenas um vulto, algo distante. Jamais pensaria que pudesse querer lhe fazer mal até a noite anterior quando em um cochilo ela sentiu as grandes mãos contornarem seu fino pescoço e grandes olhos vermelhos lhe encararem. Acordou massageando o próprio pescoço e teve dificuldades para dormir o restante da noite.

O que vou fazer?

Estava sonhando? Estava acordada? Foi olhando a xícara de café que ela resolveu sair para caminhar um pouco na brisa da noite. Talvez o apartamento fosse o problema. Girou a maçaneta redonda da porta e acessou o corredor. As luzes se acenderam diante da sua presença. Caminhou até o elevador, passando pelas portas dos outros apartamentos. O piso do corredor dividia espaço com os tapetes de boas vindas colocados ao pé de cada uma das entradas. Depois de passar por vários deles, ela apertou o botão do elevador que prontamente se abriu, como se a estivesse esperando por muito tempo. Entrou na caixa metálica e empurrou o botão “T”, cruzando os braços e escorando-se na barra de ferro que servia como apoio. Uma música suave tocava no interior e Ellen inexplicavelmente sentiu uma vontade de fumar um cigarro. Observou pelo visor que o elevador estava subindo ao invés descer. Talvez algum vizinho de um andar mais alto estava tendo o mesmo problema de insônia. Ficou feliz por não ser a única.

7... 8... 9... 10... Os números apareciam cada vez mais rápidos. 18... 19... 20...

Não temos vigésimo andar!

Ellen começou a apertar todos os botões do painel, solicitando que o elevador voltasse. 24, 25, 26, 27... Subia cada vez mais alto e cada vez mais rápido.

— SOCOOOOORROOOOOO! — gritava para o interfone. — ME AJUUUUDEEEMM!

32.

54.

72.

100.

Quando chegou ao número cem ele parou. Por um breve momento. Aquele silêncio no meio da tormenta que precede a queda furiosa de um raio. E então ele desceu, atingindo uma velocidade absurda. O corpo de Ellen ficou suspenso, como um astronauta fora da gravidade. No painel acima da porta os números passavam tão rápidos que se tornavam apenas um borrão vermelho no painel preto retangular. Ela segurou com força na barra até onde conseguiu, mas logo seu corpo foi projetado contra o teto do elevador e ela sentiu um baque em suas costas. A música foi substituída por uma risada sombria e no painel algumas palavras surgiram. Ellen leu cada uma delas.

Quando.

O.

Sono.

Chegar.

Eu.

Quero.

Tudo então aconteceu em uma fração de segundos. O elevador se chocou com o solo e seu corpo desceu como uma bala de encontro ao chão. Ellen sentiu uma dor aguda percorrer seu corpo, que pareceu esfarelar com o impacto.

Acordou em um pulo. Um daqueles que toda pessoa já teve quando sonhou que caía de algum lugar. Estava no sofá, deitada de bruços. Olhou para o relógio. Eram 00:07. Ellen levou as duas mãos à cabeça, empurrando os cabelos em direção à nuca. Cada vez que acontecia, o relógio retrocedia meia hora e ela teria uma noite ainda maior para enfrentar acordada. Ouviu o chuveiro ligado e não pensou duas vezes, saiu correndo em direção ao corredor. Na cozinha a xícara estava sobre a mesa, ainda emitindo o seu vapor, como se simplesmente não trocasse de temperatura com o ambiente. Girou a maçaneta e quando olhou na direção do sofá ele estava lá. Olhos vermelhos e uma silhueta negra. Sorrindo com a fileira de dentes brancos, apenas lhe observando.

— ME DEIXE EM PAZ! — exigiu ela antes de acessar o corredor.

Saiu pela porta do seu apartamento, o 507, e correu até o mais próximo para pedir ajuda. Reparou mais adiante que o elevador estava aberto com seu interior iluminado e preenchido com uma música agradável. Fechou o punho e bateu com a parte de baixo da mão na porta dos 508.

— ME AJUDE POR FAVOR!

Na terceira batida a porta cedeu levemente, mostrando que não estava trancada. Ellen forçou seu corpo em direção ao interior, deu um passo para o lado e fechou a porta. Escorou suas costas na folha de madeira, fechou os olhos e atirou a cabeça para trás, aliviada. Sua respiração estava ofegante. Quando abriu os olhos viu uma mesa, muito parecida com a sua... Uma xícara de café...

Pelo amor de Deus, não!

Conduziu seu olhar vagarosamente para a esquerda na direção do sofá. O monstro estava lá, mas agora de pé. A luz da sala se apagou e tudo o que se via eram os olhos e os dentes pontiagudos. Quando ele deu o primeiro passo em direção à cozinha, ela gritou em um susto, abriu a porta e saiu pelo corredor novamente. Tentou entrar em outro apartamento, o 506. Quando girou a maçaneta e entrou, se deparou novamente com a maldita xícara de café. A entidade estava mais perto, quase na entrada. Ellen amaldiçoou-a e saiu para o corredor. Tentou o 510. Abriu a porta. Viu a xícara sobre a mesa. O monstro a dois passos dela. Fugiu novamente.

Eu não quero morrer!, ela pensava, enquanto corria e as lágrimas caíam de seus olhos.

Foi em outra porta e se deparou com o número do seu apartamento. 507.

Teria ela esse tempo todo apenas entrado e saído de casa? Isso seria loucura.

Correu até o próximo. 507.

Outra porta mais adiante. 507.

Todas as portas do corredor exibiam exatamente a mesma coisa. Ellen decidiu então fugir pelas escadas que ficavam no lado oposto do elevador. Correu de volta, enquanto as portas se abriam diante de sua passagem. Deveria ser a aberração que vinha em sua captura. A porta de acesso das escadas era maior e reforçada, contra incêndio. Ellen empurrou a barra antipânico sentindo o seu medo aumentar. Puxou a porta e, quando entrou, sua vontade foi de sumir. A cozinha. A mesa. A xícara. E antes que pudesse olhar para o lado sentiu algo perfurando seu abdômen. O punho daquele monstro, cheio de garras, lhe transpassava carne e ossos. Ela sentiu um gosto de sangue na boca, um embrulho no estômago e seus sentidos lhe abandonaram.

Acordou em um pulo. A mão estava na barriga, como se pudesse protegê-la de alguma forma. Sentada em sua cama, começou a chorar desesperadamente. Sentia-se vulnerável e impotente. Ouvira falar uma vez que quando a pessoa morria em um sonho, ela acordava, mas já havia morrido quatro vezes e as coisas só ficavam piores. Encolheu os joelhos em direção ao peito e ficou assim por um tempo. Com certeza morreria novamente. Ouviu o chuveiro ligado. Esperou alguns minutos, mas nada aconteceu.

Será que acordei?

Beliscou-se mais uma vez, mesmo que aquilo não tivesse a credibilidade que ela buscava. Como saber se ainda estava dormindo? Então ela teve a ideia de ligar para alguém! Talvez pudesse funcionar. Procurou seu celular na cômoda, mas não estava lá. Jogou os pés para fora da cama e caminhou até a sala, desligando o chuveiro na passagem. Nem se deu ao trabalho de conferir o relógio. Seu celular estava na cozinha, ao lado da xícara de café. Ellen relutou por um breve momento, mas achou que não faria diferença e então pegou a xícara pela alça com dois dedos e levou até a boca. A bebida estava saborosa. Desbloqueou o telefone com o toque do polegar e ligou para um dos contatos marcados como favorito.

— Gustavo? — perguntou ela quando a chamada foi atendida.

— Hum... Você sabe que horas são? — questionou a voz sonolenta do outro lado. — O que você quer?

Involuntariamente lágrimas vieram aos seus olhos. Era muito bom poder falar com alguém.

— Eu? — perguntou ela retoricamente para ganhar tempo. Não esperava que fosse completar a ligação. — Só estou sem sono.

— Só está sem sono? — repetiu ele. — Ellen... É quase meia noite, amanhã eu trabalho cedo. Vá ler um livro ou qualquer coisa do tipo. Vá dormir.

Ela cerrou os dentes enquanto sentiu as lágrimas virem mais e mais. O café continuava com gosto de café.

— Tudo o que não consigo é dormir Gustavo! É só o que eu quero! Mas eu não consigo! — ela fez uma pausa para terminar o café da xícara. — Eu... Não... Consigo...

Ele ficou mudo ao telefone e ela se sentiu confiante para seguir.

— Estou sendo caçada por algum tipo de entidade e não sei o que ela quer de mim.

Gustavo começou a rir. Ellen estava prestes a ofendê-lo quando o som da risada começou a ficar distorcido, parecido com o que ela já tinha ouvido. Seus piores receios vieram à tona.

— *O que eu quero?* — perguntou a voz demoníaca do outro lado da linha. — *Quando o sono chegar, eu quero... A sua alma.*

A voz foi ficando mais alta, aumentando volume e frequência. Logo passou a ser apenas um chiado. O telefone começou a esquentar em sua mão, ela tentou largar, mas não conseguia. Sua orelha e a palma de sua mão estavam queimando e sua cabeça parecia que iria explodir. Ela lutava de forma determinada para se livrar do aparelho. Seu braço tremia com a dor que vinha da sua mão. O ruído atingiu uma nota muito aguda e Ellen sentiu algo escorrer por suas orelhas. Quando o líquido escorregou pelas bochechas, e uma gota de vermelho vívido pingou na mesa, ela desabou inconsciente.

Abriu os olhos. Estava no sofá. Levou a mão ao rosto e percebeu que segurava o celular. Estava quente e ela instintivamente se livrou dele, atirando-o em um canto da sala. O relógio indicava 23:07. Em sua cabeça um zunido insistente e extremamente inconveniente se fazia presente. Ela levou as duas mãos até as orelhas e pressionou sua cabeça, fechando os olhos e se encolhendo. Gritou, mas não ouviu o som de sua voz. Já não sabia se não conseguia falar ou ouvir.

Eu quero acordar! Eu quero acordar!

Bateu-se com a almofada três vezes no rosto, pressionando a última. Já começava a ficar com raiva daquela situação. E mais ainda daquela entidade sádica e maligna.

Eu vou matá-la! É isso que vou fazer!

Foi até a cozinha pegar uma faca de carne. Sua xícara repousava vazia sobre o pires. Ela abriu a gaveta e puxou a maior lâmina que tinha. Mal teve tempo de se virar e já deu de cara com ele. Sorria com a boca fechada, olhando para ela. Ellen fechou o punho em volta do cabo da faca e golpeou. Uma. Duas. Três vezes. Enfiou a faca e torceu uma quarta. A besta colocou a mão em seu ombro, sem se abalar, e encarou fundo nos seus olhos.

Ela olhou para a sua mão que segurava a arma. Estava vazia. Foi encarar o demônio, mas quando ergueu a cabeça viu seu próprio rosto, em

uma expressão de agonia, como se estivesse diante de um espelho. Olhou então para a sua barriga e viu a faca enterrada até o cabo. Suas pernas bambearam. A dor veio devagar, mas profunda e implacável. Ellen caiu para trás, deslizando as costas no balcão da pia até chegar ao chão. Uma mão segurava o abdômen e a outra procurava apoio, deixando um grande rastro de sangue no móvel branco da cozinha. Assistindo a sua morte ele estava ali, diante dela, com aqueles grandes olhos vermelhos e sorriso macabro.

Acordou deitada sobre a cama. Tentou se mexer, mas nenhum músculo respondia. E ele já estava lá, agachado sobre ela, lhe encarando. Ellen tentou gritar, mas o som não passou por seus lábios. Estava só, vulnerável e não poderia mais contar com ninguém, à mercê daquele demônio que ela nem sabia quem era, ou o que era. Ele ergueu sua mão cheia de garras, observou-a enquanto mexia com os dedos. O quarto estava escuro e o coração de Ellen acelerado. Por um momento as batidas do coração dela foram tudo o que se podia ouvir. Ele escolheu o dedo indicador e, com ele em riste, atravessou o ponto entre os seios da mulher, lhe perfurando a carne o coração.

Acordou gritando a plenos pulmões, mas o som não saiu de sua boca. Estava completamente suada. Sua roupa de pijama estava encharcada pelo suor que saía pelos poros. Tentou se mover, mas foi em vão. Olhou além de seu corpo e descobriu que estava acorrentada na cama. Apesar de o metal frio estar em contato com todo seu corpo, ela ainda suava. Achou que fosse por estar nervosa, mas percebeu que o quarto estava realmente muito quente. Viu uma claridade alaranjada além da porta, aumentando junto com o calor.

FOGO!

Quis gritar, até tentou gritar, mas não foi possível. As chamas chegaram rápidas ao seu quarto, atingindo roupeiro, tapete e a sua cama de madeira. Ela começou a chorar enquanto seu corpo entrava em combustão, sentindo o cheiro de carne queimada. Não sentiu a dor como estava prevendo, apenas uma sensação de que jamais na vida ela seria feliz. Fechou os olhos e aguardou para acordar outra vez.

Quando abriu os olhos, Ellen se deparou com a porta de seu apartamento. Estava segurando as chaves para abrir a fechadura. Destrancou-a e entrou no apartamento. A mesa estava limpa, sem a xícara de café. Ela

suspirou aliviada. Quase não podia acreditar. Ligou a luz da sala e verificou o relógio. Eram 22:07. A luz do banheiro estava apagada e o chuveiro desligado. Ellen olhou-se no espelho. Fora a olheira de sono que a maquiagem não estava mais conseguindo esconder, tudo estava normal. Ela permitiu-se sorrir e as lágrimas vieram, mas lágrimas de felicidade desta vez. Aquele inferno, aquele pesadelo, havia acabado.

Finalmente!

Seus ouvidos captaram um ruído. Que parecia distante, mas foi crescendo. Era um ruído de algo raspando na parede. Algo pontiagudo. Algo que vinha sem pressa, deixando sua marca por onde passava vagarosamente.

Não! Não! Não! Não!

Seu coração disparou e ela saiu correndo em direção ao quarto. Pensou em ter visto um vulto na sala, mas não olharia para trás novamente. Passou pelo marco da porta.

O que farei!? O que farei!? Preciso acordar! Preciso acordar agora!!

Não olhou para trás, mas sentiu a presença. Aquela maldita presença. Não deixaria que aquela coisa a matasse de novo. Seu instinto de sobrevivência a fez olhar para a janela. Talvez uma queda grande a faria acordar. Deslizou a lâmina de vidro para o lado, projetou metade do corpo para fora e avaliou a altura do prédio. Sentiu algo tocar seus cabelos. Poderia ser a brisa da noite, talvez. Talvez. Não arriscou. Não hesitou. Simplesmente deixou seu corpo pender para fora da janela.

Caiu olhando para o céu. Sentia o vento passar com velocidade pelo seu corpo. No pouco tempo de queda admirou as estrelas. Pensou ter vistos olhos vermelhos lhe observando da janela de seu apartamento. Quis gritar em triunfo, mas antes disso ela atingiu o chão. Mas, dessa vez, não estava dormindo...

***

A notícia saiu em todos os jornais: uma jovem mulher havia se suicidado, atirando-se da janela do quarto do seu apartamento, localizado no quinto andar. Mais uma suicida entrando para as estatísticas. Uma reportagem falando sobre a depressão, patrocinada por algum grande psicólogo da cidade, foi colocada oportunamente logo abaixo.

Em um depoimento a vizinha de Ellen afirma que subiu com a moça no

elevador e que ela parecia “muito perturbada”, seu olhar estava avermelhado e cansado. Garante que a moça fechou os olhos e cochilou escorada enquanto subiam, por não mais de dez segundos, despediu-se com um “boa noite”, entrou no apartamento, e minutos depois estava morta lá em baixo.

Um amigo de Ellen, Gustavo, relatou que a amiga havia conversado com ele alguns dias atrás, dizendo que estava tendo alguns pesadelos, mas ele não deu importância por que ela mesma não estava levando a serio. Tudo o que mencionava era uma figura negra com grandes olhos vermelhos que ficava lhe observando nos seus sonhos.

Muitos lamentaram a morte da jovem, teorizando as causas que levaram Ellen a cometer o suicídio. A família lamentou por não estar mais presente. Os amigos mais próximos lamentaram por não preverem nada do que estava acontecendo e a vizinha se perguntou se poderia ter feito algo diferente.

Ela estava morta, mas finalmente estava em paz. Jamais saberia que o ruído que ouviu foi o vizinho do andar de cima arrastando a estante da sala. Que o toque nos seus cabelos foi apenas o vento que entrou pela janela do quarto. E talvez nunca pudesse contar aos outros que não fez aquilo pensando em morrer. Que mais do que dormir, seu único desejo era acordar. Acordar daquele inferno, daquela angustia. Acordar daquele maldito pesadelo mórbido.